

*J*OSÉ NEGREIROS: TRAJETÓRIA DO PAI DE SANTO

Relatos constituintes através da memória oral sugerem que Negreiros seja o apelido que José Pio Coelho ganhou quando era jogador do Sampaio. Como seu nome era José, ficou Zé para diferenciá-lo de outros jogadores. Por ser negro, acrescentaram Negreiros.

Sua figura, observa o historiador A. Evaldo A. Barros (2007, p. 240; 268), era construída, sobretudo, relacionada a acontecimentos inesperados. Nessa perspectiva, os títulos de reportagens de jornais dos anos 1950 que o tinham como figura central são exemplares: “governadores e parlamentares que se elegem por causa de Negreiros”, “pobres que enriquecem do dia para a noite”, “até o Moto - popular time de futebol do Estado -, teria sido campeão por causa de Negreiros”.



Imagem: Zé Negreiros
Fonte: – JORNAL PQN
(3/10/1951 p. 3)

Negreiros estava atrelado a múltiplas dinâmicas sociais que marcaram os meados do século XX. O fato é esse pai de santo ia conquistando projeção inclusive fora do Maranhão, e alguns diziam que ele seria “o maior macumbeiro do Maranhão”, “superior ao Joãozinho Dagoméia, do Rio de Janeiro”.

Negreiros se tornara um afamado pai de santo do tambor de mina no Maranhão¹, enfermeiro, maçom, circense, fundador do bloco de carnaval Cadete da Lua,

¹“Tambor de mina é a designação popular no Maranhão para a religião de origem africana que, em outras regiões do país, recebe denominações como candomblé, xangô, batuque, macumba e etc.; é o nome de uma religião afro-brasileira desenvolvida por antigos escravos africanos e seus descendentes” (FERRETI, 2009)

ex-combatente do exército brasileiro, jogador do Sampaio Corrêa Futebol Clube e pai de 28 filhos, além de dar conta de várias esposas. Um dos seus filhos, Jose Itabajara Coelho, seu sucessor, ao se referir às diversas companheiras do seu genitor, destacou: “meu pai era um homem vaidoso”. Nasceu em 1897, vivenciou grande parte do Século XX, até ser vitimado por um acidente vascular cerebral no ano de 1983.

Filho do carpinteiro Jose Alexandre Coelho e da lavadeira Maria Joana Coelho que, segundo seu filho, “lavava roupas, como se dizia na época, para casa de branco”. Negreiros nasceu e cresceu no Lira, um bairro ludovicense de operários que, no início do século XX, era considerado bairro periférico, longe do centro comercial da cidade. Seus poderes mediúnicos afloraram desde cedo, tendo em vista o contato com terreiros da vizinhança, como a Casa das Minas e Casa de Nagô.

No início teve dificuldades para aceitar a sua espiritualidade, tendo por isso, em fins dos anos 1930, fugido com um circo para o Rio de Janeiro. Entretanto na sua volta descobriu ser inevitável, passando então a incorporar o caboclo Légua Bogi Bua e, a partir da proximidade com essa entidade, adentrou a vida espiritual, com terreiro funcionando inicialmente na rua da Palha e depois na rua da Cruz, centro de São Luís.

Em meados do século XX, período marcado por constantes perseguições, sobretudo da polícia aos terreiros de mina da cidade, seu filho explica a permanência da casa de culto do pai no centro em razão das “boas relações”: “Meu pai era amigo de gente importante, existia um respeito com ele, a polícia era amiga dele e o sistema fazia parte do terreiro.” Depois se mudou para o bairro do Turu, onde fundou o terreiro destinado ao seu Légua, em 1945 com sua então cônjuge. Após o término dessa relação, em fins dos anos 1970, mudou-se, juntamente com seu terreiro, para o bairro da Jordoa, no qual dava sessão e consultas e fundou outro no bairro do Tirirical, destinado ao Índio Canela, outra entidade presentificada nas práticas do terreiro.

Negreiros era devoto ferrenho de São Judas Tadeu e São Raimundo Nonato, típicas figuras do catolicismo romano, tanto que dedicou o seu terreiro do Turu a proteção do último. Carregava consigo somente entidades masculinas como seu Légua Bogi Bua, caboclo Itabajara, João de Una, Boço Jara, dentre outros. Entretanto, fazia obrigações para entidades femininas e também caboclas, que incorporavam apenas nos seus filhos de santo: como Jurema, Janaina, Iemanjá, Zé Pilintra, Exu caveira, Tranca rua, Pomba Gira e Pretos Velhos.

“No terreiro do meu pai frequentavam todos os tipos de pessoas, do alto ao baixo escalão da sociedade, ele atendia todos de forma igual”, destaca seu filho José. E

continua: “ele recebia muitas pessoas de fora, especialmente do Rio de Janeiro e Belém, (cidade para qual preparou muitos filhos de santo), desde políticos a figuras afamadas da TV, como a atriz global Elizabeth Savala, com quem manteve uma boa amizade”. Na verdade, é interessante perceber o papel dele na disseminação da religião na sociedade. A partir de análise de documentação de época, Barros (2007, p. 269) aponta que “pais-de-santo como Negreiros tiveram o mérito de difundir o tambor de mina a todos os níveis da sociedade maranhense.”

Este pai de santo manteve significativas relações de camaradagem com importantes políticos, donos de jornais, médicos e membros de outras esferas sociais, que lhe garantiram muitos benefícios, facilitando com isso, não só a tranquilidade nas suas casas de culto, como também sua projeção positiva no seio da alta sociedade.

Sua fama foi crescendo a ponto de se tornar manchete de jornal, a exemplo do que apontava *A Pacotilha* (1954), jornal ludovicense do período: “gente da alta sociedade na casa de Zé negreiros”, destacando assim a sua importância. Em virtude da sua percepção como vidente vários delegados de polícia recorreram ao seu terreiro com o objetivo de desvendar casos de difícil solução. Segundo seu filho, “até o Vasco da Gama, quando veio jogar aqui na cidade, foi à casa dele para conhecê-lo, já que à época diziam que quem não o conhecesse não conhecia São Luís”.

Através da leitura dos jornais da época e das interpretações dos relatos do seu filho é possível perceber o papel desse pai de santo no alargamento do universo religioso do cenário social ludovicense, principalmente quando este tira do ambiente tradicional elementos de sua religião e possibilita que outras pessoas o conheçam. Foi o caso da apresentação de um espetáculo de Negreiros e suas filhas de santo intitulado “Lamento de Xangô”, apresentado no final da década de 1970, no teatro Artur Azevedo. A montagem teatral fora considerada, naquele contexto, uma afronta para a sociedade, já que um negro, sobretudo membro de religião de matriz africana, se apresentava no principal teatro da cidade.

Enquanto a Casa das Minas, naquele momento era objeto de estudo dos intelectuais, a Casa de Zé Negreiros tinha sobre si os olhares da imprensa, o que pode ser percebido através de reportagens de Masson e de Azoubel para os jornais *Pacotilha* e *O Globo*, em 1954. Estes cobriram três dias de festa em seu terreiro no mês de agosto, fazendo uma leitura diferente da que era feita até então por parte da imprensa, naquele momento. “Os tambores de mina outrora definidos somente como macumba ou feitiçaria,

ou simplesmente bailes, passam a ser vistos como uma religião ” (BARROS, 2007, p. 271)

Outro ponto que marca a sua influência no período em destaque foi a gravação de um disco patrocinado pela rádio Difusora, em seu terreiro, que contava a vida do seu Léguas, bem como vários casos ali ocorridos. Esta ação torna-o um dos primeiros pais de santo do Maranhão a gravar um vinil². Foi um homem de grandes amizades com importantes figuras do ramo da música como é o caso do cantor e compositor Ary Lobo, que fez algumas músicas dedicadas a ele, sendo a mais conhecida o “Coco da Juliana”:

Coco da Juliana (Ary Lobo)

Formara a roda de coco/
Na casa de Juliana/
A coisa lá tava boa /
Ditou mais de uma semana/
As mulheres que tava animada /
Dançava e brincava naquele salão/
Cantava o coco praiano/
Com grande animação /
Zé negreiro na roda do coco /
Pulava e brincava rufava o pandeiro/
Juliana deu um nó na saia/
Desafiando Zé negreiro/
Surgiu um sujeito valente/
Cheio de aguardente/
Com a foice na Mao/
Dizendo aqui não tem homem/
Procurando confusão/
Juliana gritou para o povo/
Aqui ninguém briga porque eu não quero/
Passou a mão no trabuco/
Mandou o sujeito para o cemitério.

Dos muitos filhos de santo e dos 28 filhos biológicos, somente um seguiu os passos do pai, Itabajara Coelho, de sua esposa Dinair Alves de Souza Coelho. Este acompanhava o pai em viagens, inclusive para fora do Brasil, como Guiana Francesa e Espanha. Tendo assumido o terreiro com Negreiros ainda em vida e com certa resistência deu continuidade às obrigações. Embora por problemas internos não mantenha todas as festividades que ocorriam no tempo de seu pai, foi responsável pela preparação de muitos filhos de santo que, posteriormente, constituíram seus terreiros.

² JOSÉ NEGREIROS (vinil).[1979/1982?], São Luis-MA.

Em 1968 Negreiros foi vitimado por um primeiro AVC, que o deixou com sequelas, uma deficiência no braço e na perna direita. Contudo, mesmo com certa limitação, se manteve firme nas obrigações com o terreiro, passou os anos seguintes trabalhando sem descanso, recebendo “sermões” do seu médico, Gabriel Cunha. Porém, em 30 de outubro de 1983, com 86 anos, veio a falecer no Hospital Geral de São Luís.



Imagem: Zé Negreiros
Fonte: Pacotilha O Globo (3/8/1954, p. 2)

Terreiro de Zé Negreiros/ Legua Boji Búa da Trindade

O terreiro grande de Zé Negreiros alcunhado de Terreiro de Legua Bogi Búa da trindade, em homenagem ao seu santo de cabeça, foi aberto em 1945 no bairro do Turú, atual Posto Natureza, na época zona rural de São Luís. Essa casa permanece viva na memória de muitas pessoas com mais de 60 anos, que frequentavam ou conheciam sua fama, que hora ou outra aparecia nos jornais na resolução de casos ou envolvendo políticos famosos.



Imagem: terreiro Terreiro de Zé Negreiros/ Legua Bogi Búa da Trindade
Fonte: Pacotilha O Globo (3/8/1954, p. 2)

De acordo com as fotos encontradas nos jornais ficou perceptíveis detalhes da estrutura do barracão, mostrando parte da fachada, o que permite ver que era uma construção simples, feita de pau a pique. Esta foi a primeira estrutura, segundo depoimento do filho Itabajara Coelho, e teria pegado fogo pouco tempo depois de erguida. Com isso, houve a necessidade de uma construção mais resistente, feita em formato de campo de futebol. Contudo, a casa de segredo, onde os filhos de santo eram preparados, se manteve com as mesmas características de construção, era feita de palha.

Embora esse pai de santo tenha construído outras casas no centro da cidade, essa foi a de maior representatividade no âmbito social. No começo era isolado do centro e o único meio de transporte que lhe dava acesso era o carro de boi. Com isso, segundo relatos orais, por ser frequentado por pessoas da alta sociedade, incluindo políticos, foi necessário abrir o caminho para a passagem de automóveis, o que originou a Avenida São Luís Rei de França, atualmente, uma das principais da capital maranhense.

Coelho (2017) argumenta “Negreiros era amigo de poderosos, José Sarney era próximo de papai, ele que mandou abrir a estrada do Turu para poder ir ao terreiro.” O Terreiro de Zé Negreiros/ Legua Bogi Búa da Trindade, promovia além das festas dos santos, apresentações de grupos folclóricos como bumbas, reisados, Divino Espírito Santo, Tambor de Crioula e frequentemente fazia sorteios de prêmios, entrega de presente

para as crianças, dentre outras atrações, além das festas com muita comida, atraindo com isso pessoas das imediações e de outros bairros.

Essa Casa buscava mecanismos de inserir a comunidade nas festividades. Uma das formas utilizadas por esse Pai de santo foi através das “Vozes”, programa de rádio que era instalado em alguns bairros de São Luís. Ele possuía a voz intitulada “Bom Jesus dos Navegantes”. Através desta, interagia com o público ouvinte e como forma de incentivar a participação fazia sorteios de muitas coisas como ingressos para os jogos de futebol, cestas, dentre outros prêmios. Alguns desses eram doados pela própria rádio, enquanto outros eram comprados por ele mesmo.

Negreiros também tinha uma relação de paixão com futebol, esse terreiro era um exemplo disso, possuía formato de campo de futebol, com espaço no centro para as apresentações e as arquibancadas para os convidados. Além do respeito dos times locais, Coelho (2017) destaca que “as camisas dos jogadores do Moto dormiam no terreiro com meu pai, dois dias antes das grandes partidas, além dele benzer os jogadores.” Tamanha era a crença no poder dele.

Referências

BARROS, A. Evaldo A. *O Pantheon: Culturas e Heranças Étnicas na Formação de Identidade Maranhense (1937-65)*. Salvador: PÓS-AFRO/FFCH-UFBA/CEAO, Dissertação de mestrado, 2007.

COELHO, José Itabajara. 2017. Entrevista concedidas a Reinilda Santos.

FERRETI, Sergio, 1937. *Querebentã de Zomadônu: etnografia da casa das minas do maranhão*- 3 ed- Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SANTOS, Reinilda de Oliveira. *José Negreiros*: “pulava e brincava, rufava o pandeiro”. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Número 56, junho de 2014, p. 14-15.